



Boletim Técnico n.º 44

POLOS AÇUCAREIROS NO SUL DA BAHIA
(Estudo de Seleção de Áreas)

Antonio Carlos Leão
Ivan da C. P. Gramacho
Raimundo Carvalho Filho

Boletim Técnico nº 44

POLOS AÇUCAREIROS NO SUL DA BAHIA (Estudo de Seleção de Áreas)

**Antonio Carlos Leão
Ivan da C. P. Gramacho
Raimundo Carvalho Filho**

**Centro de Pesquisas do Cacau
Junho de 1976**

COMISSÃO EXECUTIVA DO PLANO DA LAVOURA CACAUEIRA – CEPLAC

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

Alysson Paulinelli – Ministro da Agricultura

Vice-Presidente

Benedito Fonseca Moreira – Diretor da CACEX

Ministério da Indústria e Comércio

Carlos Pereira Filho

Governo do Estado da Bahia

José Guilherme Motta

Governo do Estado do Espírito Santo

Emir Macedo Gomes

Banco Central do Brasil

Antonio Luiz Marchesini Torres

Produtores de Cacau

Onaldo Xavier de Oliveira

SECRETARIA GERAL

José Haroldo Castro Vieira – Secretário Geral

DIRETORIA REGIONAL

Diretor Científico

Paulo de T. Alvim

Diretor Administrativo

Roberto Midlej

Diretor do Centro de Pesquisas do Cacau

Fernando Vello

Diretor do Departamento de Extensão

Manoel Malheiros Tourinho

Diretor da Escola Média de Agricultura da Região Cacaueira

Altenides Caldeira Moreau

Editor

Jorge Octavio Alves Moreno

Publicação do CEPEC-CEPLAC

Caixa Postal 7, Itabuna, Bahia, Brasil

Junho de 1976. Tiragem: 3.000 exemplares

Impresso na DICOM pelo sistema offset.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CRITÉRIOS ADOTADOS PARA A ELEIÇÃO DAS ÁREAS	6
Área 1 - Barrolândia	6
Área 2 - Belmonte	6
Área 3 - Eunápolis	6
Área 4 - Itabela	6
Área 5 - Santa Cruz de Cabralia	6
DADOS GERAIS SOBRE AS ÁREAS ELEITAS	8
Área 1 - Barrolândia	8
Área 3 - Eunápolis	12
ESTRUTURA FUNDIÁRIA	15
Área 1 - Barrolândia	15
Área 3 - Eunápolis	17
INFRA-ESTRUTURA	18
Barrolândia e Eunápolis	18
Disponibilidade de Mão-de-Obra	18
LITERATURA CITADA	20

ANEXOS

Anexo 1	23
Anexo 2	25
Anexo 3	28
Anexo 4	31
Anexo 5	33
INFORMAÇÕES BÁSICAS PARA IMPLANTAÇÃO DA INFRA-ESTRUTURA	35

POLOS AÇUCAREIROS NO SUL DA BAHIA

(Estudo de Seleção de Áreas)

*Antonio Carlos Leão**
*Ivan da C.P. Gramacho***
*Raimundo C. Filho**

INTRODUÇÃO

A Sacaricultura no Estado da Bahia, depois de alcançar o primeiro lugar no Brasil, entrou em decadência, atingindo níveis que obrigam o Estado a importar mais de 4 milhões de sacos, para atender ao seu consumo interno.

Face a essa situação, a Secretaria de Indústria e Comércio delineou uma política para reativar o setor, visando à autosuficiência do Estado, com a recuperação da capacidade instalada das usinas do Recôncavo Baiano, instalação de novas unidades na região do São Francisco e criação de dois polos açucareiros, com capacidade de 2 milhões de sacos, para atender ao consumo da Região Cacaueira.

Com esse objetivo, foi solicitado à CEPLAC a escolha de duas áreas que oferecessem as condições exigidas para a implantação de duas usinas no Sul da Bahia.

O estudo apresentado aborda os aspectos edafoclimáticos e da infra-estrutura das áreas destinadas a dois polos açucareiros, efetuado pelos técnicos designados pela CEPLAC para atender à solicitação do Governo estadual.

Além dos técnicos da CEPLAC, participaram dos trabalhos de campo para a escolha das áreas o Dr. Charles T. Willet, Dr. Herval Dias de Souza, ambos da AGROTECH (Alagoas), firma contratada pelo Governo do Estado para assessoramento dos estudos da implantação dos Polos Açucareiros no Sul da Bahia, e Dr. Jurandy Vilela - Chefe do Serviço de Promoção de Investimentos da Secretaria de Indústria e Comércio do Estado da Bahia.

* Eng. Agrº, Setor de Pedologia da Divisão de Geociências do CEPEC.

** Eng. Agrº, M.S., Assessoria de Auditoria Interna da CEPLAC.

CRITÉRIOS ADOTADOS PARA A ELEIÇÃO DAS ÁREAS

Os critérios adotados para a eleição das áreas foram os seguintes:

1. Topografia plana.
2. Solos sem limitações quanto a falta de água e uso de implementos agrícolas.
3. Fonte de abastecimento de água para a usina.
4. Infra-estrutura (estrada de acesso, rede elétrica, mão-de-obra etc.).
5. Superfície contínua compatível com a capacidade da usina (aproximadamente 20.000 hectares).
6. Sem problemas de desmatamento.

Inicialmente foram selecionadas fotografias aéreas e mosaicos de radar da região Sul da Bahia, os quais foram cuidadosamente examinados. Do exame desse material resultou na escolha de cinco áreas (Figura 1).

Área 1 – Barrolândia

Localizada na estrada BA-275 – Belmonte-Itapebi, entre os km 50 (Estação Experimental Gregório Bondar) e 77.

Área 2 – Belmonte

Também localizada na rodovia BA-275 – Belmonte-Itapebi, aproximadamente entre os km 30 e 45.

Área 3 – Eunápolis

Margem esquerda da rodovia BR-101, entre o povoado de Mundo Novo e Eunápolis.

Área 4 – Itabela

Margem esquerda da rodovia BR-101, entre Itabela e Monte Pascoal.

Área 5 – Santa Cruz de Cabrália

Margem esquerda da rodovia BA-367 – Eunápolis-Porto Seguro, aproximadamente entre os km 32 e 47 (Reserva Biológica de Pau Brasil – CEPLAC).

Posteriormente foi realizado um estudo mais detalhado, com prospecções de solos e sobrevôos de cada área, a fim de se definir as duas que melhor preenchessem os critérios adotados.

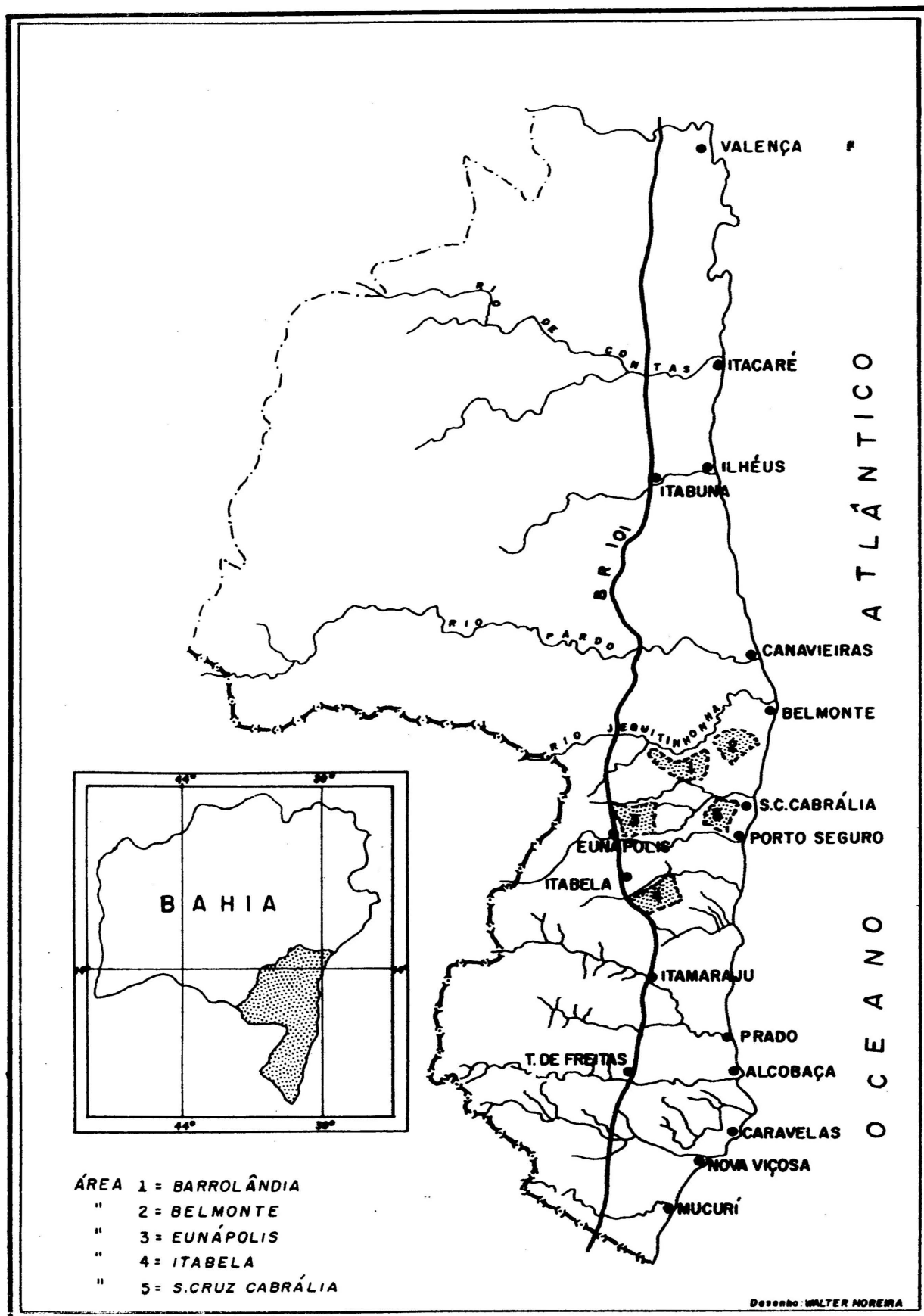


Figura 1 - Mapa de localização das áreas selecionadas.

Assim, optou-se pelas áreas de Barrolândia e Eunápolis, que apresentam superfícies contínuas, planas, sem problemas de mecanização ou desmatamento e água suficiente para suprimento das usinas; além disso, a área de Eunápolis está cortada pela rede de energia elétrica. As demais áreas (2, 4 e 5 - Figura 1) apesar de terem sido descartadas, apresentam potencial para futura instalação de usinas.

DADOS GERAIS SOBRE AS ÁREAS ELEITAS

Área 1 - Barrolândia

Superfície Aproximada: 17.000 ha

Localização

Fica localizada na rodovia Belmonte-Itapebi (BA-275), entre os km 50 e 77, com os seguintes limites geográficos: ao norte, com as cabeceiras de erosão dos tributários do rio Jequitinhonha; ao sul, com o rio João de Tiba; a leste, confronta com a Estação Experimental Gregório Bondar; e a oeste, com o córrego dos Mouras e um afluente do rio Santo Antônio. Está, aproximadamente, entre os paralelos de 16° 05' e 16° 10' S e os meridianos de 39° 13' e 39° 27' W.

Fisiografia

Apresenta relevo típico de tabuleiro, topo praticamente plano, com vales de fundo chato e de secção transversal em forma de "U". Geologicamente, esta formação pertence ao Terciário Superior ("Série Barreiras"), que é constituída de sedimentos argilo-arenosos não consolidados. No topo dessa formação podem ser encontradas manchas arenosas de até 2 m de espessura, cobertas por uma fina camada de matéria orgânica que, segundo M. Filho (1), foram depositadas no período Quaternário. Sob o aspecto hidrográfico, a área é servida pelo rio Santo Antônio e seus tributários, além de outros que drenam para as bacias dos rios Jequitinhonha e João de Tiba, de cursos perenes.

Clima

O clima da área se enquadra no tipo Af de Köppen - clima de florestas tropicais, quente e úmido, sem estação seca, com pluviosidade anual superior a 1.200 mm (2). Dados climáticos, tomados no ano de 1973 na Estação Experimental Gregório Bondar, estão condensados no Quadro 1.

Vegetação

A área encontra-se quase totalmente desmatada, porém existe ainda pequenos remanescentes da floresta primitiva (floresta pere-

Assim, optou-se pelas áreas de Barrolândia e Eunápolis, que apresentam superfícies contínuas, planas, sem problemas de mecanização ou desmatamento e água suficiente para suprimento das usinas; além disso, a área de Eunápolis está cortada pela rede de energia elétrica. As demais áreas (2, 4 e 5 - Figura 1) apesar de terem sido descartadas, apresentam potencial para futura instalação de usinas.

DADOS GERAIS SOBRE AS ÁREAS ELEITAS

Área 1 - Barrolândia

Superfície Aproximada: 17.000 ha

Localização

Fica localizada na rodovia Belmonte-Itapebi (BA-275), entre os km 50 e 77, com os seguintes limites geográficos: ao norte, com as cabeceiras de erosão dos tributários do rio Jequitinhonha; ao sul, com o rio João de Tiba; a leste, confronta com a Estação Experimental Gregório Bondar; e a oeste, com o córrego dos Mouras e um afluente do rio Santo Antônio. Está, aproximadamente, entre os paralelos de 16° 05' e 16° 10' S e os meridianos de 39° 13' e 39° 27' W.

Fisiografia

Apresenta relevo típico de tabuleiro, topo praticamente plano, com vales de fundo chato e de secção transversal em forma de "U". Geologicamente, esta formação pertence ao Terciário Superior ("Série Barreiras"), que é constituída de sedimentos argilo-arenosos não consolidados. No topo dessa formação podem ser encontradas manchas arenosas de até 2 m de espessura, cobertas por uma fina camada de matéria orgânica que, segundo M. Filho (1), foram depositadas no período Quaternário. Sob o aspecto hidrográfico, a área é servida pelo rio Santo Antônio e seus tributários, além de outros que drenam para as bacias dos rios Jequitinhonha e João de Tiba, de cursos perenes.

Clima

O clima da área se enquadra no tipo Af de Köppen - clima de florestas tropicais, quente e úmido, sem estação seca, com pluviosidade anual superior a 1.200 mm (2). Dados climáticos, tomados no ano de 1973 na Estação Experimental Gregório Bondar, estão condensados no Quadro 1.

Vegetação

A área encontra-se quase totalmente desmatada, porém existe ainda pequenos remanescentes da floresta primitiva (floresta pere-

nifolia higrófila) (3), com árvores de porte superior a 20 metros, cujas espécies mais freqüentes são: juarana, ou visgueiro, sucupira, maçaranduba, bomba d'água, bacumuchá, bicuíba, biriba, putumuju, jindiba, louro-preto entre outras.

Sobre as manchas de solos arenosos a vegetação é herbáceo-arbustiva, predominando aí ciperáceas, bromeliáceas e melastomataceas.

Solos

Os solos da área são formados a partir de sedimentos argilo-arenosos da "Série Barreiras" e de sedimentos arenosos do Quaternário; foram reunidos em 4 grupamentos, de acordo com a sua textura:

Tabuleiro Textura Argilosa

São latossolos profundos, bem drenados, de coloração amarelada, permeáveis e porosos. A textura superficial (horizonte A) - com 30 a 40 cm de profundidade, pode variar de franco a franco-argilo-arenosa e do horizonte B, de argilosa a muito-argilosa.

A estrutura do A é granular e do B maciça porosa; macio, ligeiramente duro, quando seco, e friável, quando úmido. São, portanto, solos com boas condições físicas, porém de baixa fertilidade (tem baixa capacidade de troca de cations e baixa saturação de bases) (Anexos 1 e 2). Esta unidade é a que possui maior representatividade geográfica e ocupa o topo plano dos tabuleiros (Quadro 2).

Quadro 2 - Áreas das unidades com percentual de ocorrência.

Unidade	Área (ha)	Áreas Mecanizáveis	%
Tabuleiro text. argilosa	12.350	12.350	72,5
Tabuleiro text. média	60	60	0,4
Tabuleiro text. arenosa (Podzol)	130	130	0,8
Litossol	55	-	0,3
Tabuleiro text. arg. fase declive	4.070	-	24,0
Área de Expansão Urbana	335		2,0
Total de Áreas Mecanizáveis		12.540	73,7
Total da Área	17.000		100,0

Possibilidades de Uso Agrícola

Embora na área estudada estes solos estejam praticamente sem uso, em outros locais do Sul da Bahia solos idênticos estão sendo usados com cultivos racionais de seringueira (Hevea brasiliensis), dendê (Elaeis guineensis), cravo-da-índia (Eugenia cariophyllata), coco-da-baía (Cocos nucifera), pimenta-do-reino (Piper nigrum) e mais recentemente com pastagens de Brachyaria sp. Em outros Estados da Federação, como Alagoas e Rio de Janeiro, estão sendo utilizados com cana-de-açúcar (Saccharum officinalis), com boa produtividade, quando tecnicamente manejados.

Tabuleiro Textura Argilosa Fase Declive :

Ocupa as vertentes dos vales dos rios e córregos que drenam a área, em declives de 20 a 40%. É uma unidade bastante homogênea, com características morfológicas, físicas e químicas idênticas às da unidade anterior. No fundo desses vales ocorrem pequenas manchas de solos hidromórficos e aluviais – solos argilosos, de fertilidade variável, geralmente com problemas de excesso de água nos períodos chuvosos.

Possibilidades de Uso Agrícola

Devido à declividade, os solos desta unidade são mais recomendados para reflorestamento. O fundo dos vales, onde ocorrem os hidromórficos e aluviais, podem ser usados com pastagens ou cultivos de arroz (Oriza sativa), desde que tecnicamente drenados.

Tabuleiro Textura Média

São solos com características químicas semelhantes ao Tabuleiro Textura Argilosa, diferindo deste apenas pela textura, que, no horizonte A (30 a 40 cm de profundidade), é arenosa, e no horizonte B varia de franco-argilo-arenosa a argilo-arenosa (4, 5). Devido ao médio teor de argila no perfil, a capacidade de retenção de umidade desses solos é baixa (equivalente de umidade de 10 a 15%).

Estes solos ocorrem como inclusões na unidade Tabuleiro Textura Argilosa, em manchas pequenas, que representam cerca de 0,4% da área total.

Possibilidades de Uso Agrícola

São mais indicados para cultivos de coco-da-baía, abacaxi, caju e mandioca.

Tabuleiro Textura Arenosa (Podzol)

Estes solos são geologicamente correlacionados com os sedimentos arenosos do Quaternário (1), que se encontram capeando a "Série Barreiras". Apresentam um subhorizonte A₁ rico em ma-

matéria orgânica, A₂ arenoso sobre um horizonte Bh_{ir} (com alto teor de húmus e óxidos de ferro e alumínio), de textura franca e duro, quando seco; possuem drenagem rápida no subhorizonte A₂ e lenta no Bh_{ir}, com problemas de encharcamento em grande parte do ano. São solos de baixa fertilidade natural, embora possam apresentar alto valor T nos subhorizontes A₁ e Bh_{ir}, devido ao alto teor de matéria orgânica.

Possibilidades de Uso Agrícola

São solos com baixa potencialidade agrícola, devido aos problemas de fertilidade e do excesso ou falta de água em certas épocas do ano.

Litossol

Existe uma pequena mancha de solo raso (litólico) no centro da área. Esta mancha encontra-se numa pequena elevação e grande parte já foi usada como material de encascalhamento de estrada.

Área 3 – Eunápolis

Superfície Aproximada: 25.500 ha

Localização

Situada aproximadamente entre os paralelos de 16° 15' e 16° 24' S e os meridianos de 39° 23' a 39° 35' W. Limites geográficos naturais: a oeste, com a BR-101, entre as localidades de Mundo Novo e Eunápolis; ao sul, com a rodovia asfaltada BA-367, entre Eunápolis e Vila 41; a leste, por uma reta da Vila 41 no rumo norte, até atingir o córrego da Lampadosa; ao norte, com outra reta partindo deste córrego até o rio João de Tiba e a montante até o povoado de Mundo Novo.

Fisiografia

Sob o aspecto fisiográfico, tem as mesmas características da área 1, isto é, relevo de tabuleiro com topo plano. É também uma área bem servida por córregos e riachos, de vazão permanente, entre os quais se destacam os rios João de Tiba, ou Santa Cruz, o Sapucaeira e o Córrego Grande, que correm aproximadamente na direção oeste-leste.

Clima

Dados climáticos tomados no período de 1968/71 (4) em Eunápolis (Quadro 3), mostram as temperaturas médias mensais e anuais, precipitação, umidade relativa do ar, evaporação e a nebulosidade desta área. A quantidade total de chuvas/ano é de 1.141,4 mm, sendo os meses mais chuvosos março, julho, novembro e dezembro, e os menos chuvosos janeiro, fevereiro, maio e setembro.

Quadro 3 - Dados climáticos da área - período de 1968 a 1971*

Meses	Temperaturas (°C)						Precipitação (mm)			U.R. %	Evaporação		
	Med. Max.	Med. Min.	Mé- dia	Max. abs.	Min. abs.	Amp. Med.	Total mensal	Nº de dias	Max. 24 hs	Média mensal	Total mensal	Média diária	Nebul. nº 10 Média diária
Jan.	30,9	19,1	25,0	34,1	16,2	11,8	51,8	5	47,2	73,7	77,8	2,5	5,9
Fev.	30,6	19,4	24,0	33,0	17,0	11,2	46,9	9	19,2	75,5	68,9	2,4	6,5
Mar.	30,5	19,1	24,8	33,5	16,2	11,3	111,6	9	57,1	75,9	66,9	2,1	6,6
Abr.	29,5	18,9	24,2	32,4	15,3	10,6	93,3	9	50,6	77,1	63,1	2,1	6,9
Mai.	28,8	18,1	23,4	31,8	14,6	10,6	55,3	4	46,6	73,2	65,7	2,1	6,7
Jun.	27,6	16,8	22,4	31,1	13,8	10,8	92,4	9	39,0	80,3	57,5	1,9	7,2
Jul.	26,2	16,0	21,1	29,7	13,9	10,2	143,2	12	38,3	82,4	61,6	2,0	7,9
Ago.	26,9	15,7	21,3	31,1	12,6	11,2	65,6	11	18,9	78,8	70,2	2,2	6,7
Set.	27,9	15,6	21,7	30,7	11,8	12,3	55,0	8	31,0	76,4	69,4	2,3	6,7
Out.	28,5	17,9	23,2	32,0	13,9	10,6	108,1	11	58,4	78,0	60,4	1,9	6,7
Nov.	29,3	18,0	23,6	33,0	15,3	8,6	176,5	12	94,0	78,7	59,4	2,0	7,1
Dez.	29,6	19,3	24,4	33,2	16,4	10,2	141,7	7	69,5	75,4	64,6	2,0	6,5
Total							1.141,4	103			785,5		
Média	28,8	17,8	23,3			10,8				77,1		2,1	6,8

* Posto meteoro-agrário situado em Eunápolis, BA, componente da rede meteoro-agrária do Centro de Pesquisas do Cacau.

Latitude: 16° 22' S; Longitude: 39° 36' W.

Frota (2) classificou o clima desta área no tipo Am de Köppen clima de bosque chuvoso, quente e úmido, com estação seca compensada pelos totais de precipitação elevados).

Vegetação

A área encontra-se completamente desmatada. A vegetação primitiva enquadra-se no tipo Floresta Tropófila (4), com espécies de valor comercial, entre as quais se destacam: inhaíba, piqui, bicuíba, biriba, jacarandá-da-baía, jitaí e braúna.

Também nesta área são encontradas manchas de solos arenosos, com uma vegetação campestre de porte herbáceo-arbustiva, onde ocorrem ciperáceas, bromeliáceas e melastomatáceas.

Solos

Todos os solos encontrados nesta área têm como material de origem sedimentos argilo-arenosos do Terciário ("Série Barreiras") e arenosos do Quaternário. Foram agrupados nas seguintes unidades (Quadro 4):

Tabuleiro textura argilosa

Tabuleiro textura argilosa fase declive

Tabuleiro textura média

Tabuleiro textura arenosa (podzol)

As características físicas, químicas e morfológicas dessas unidades e suas possibilidades de uso agrícola são idênticas às descritas no capítulo anterior.

Dados de análises físicas e químicas de perfis coletados nesta área são encontrados nos anexos 3, 4 e 5.

Quadro 4 - Áreas das unidades com percentual de ocorrência.

Unidade	Área (ha)	Áreas Mecanizáveis	%
Tabuleiro textura argilosa	17.500	17.500	68,5
Tabuleiro textura média	1.700	1.700	6,5
Tabuleiro text. arenosa (podzol)	1.300	1.300	5,0
Tabuleiro text. argil. fase declive	4.380	-	17,5
Área de Expansão Urbana	620		2,5
Total de Áreas Mecanizáveis		20.500	80,0
Total da Área	25.500	-	100,0

ESTRUTURA FUNDIÁRIA

Área 1 - Barrolândia

Com o objetivo de identificar o tipo de posse da terra nas áreas selecionadas para a instalação dos polos açucareiros, procedeu-se a um rápido levantamento do número de agricultores e a superfície ocupada.

Na área de Barrolândia, esse levantamento foi efetuado a partir da vila de Marília, seguindo-se a rodovia no sentido do litoral, até a Estação Experimental Gregório Bondar, da CEPLAC, e da vila de Barrolândia, passando por Ponto Central, até as margens do rio João de Tiba, ou Santa Cruz.

Foram identificados 62 agricultores, com uma ocupação de 28.541 hectares, representando uma amostragem superior à área calculada para a instalação dos campos da usina.

Constatou-se que a grande propriedade, com superfície acima de 1.000 ha, representa 56% da área e está em poder de 8 proprietários, enquanto a pequena propriedade (áreas até 100 ha) ocupa somente 5% da área e pertence a 20 agricultores.

O maior número de proprietários foi assinalado no extrato de 101 ha a 500 ha, representando 28 agricultores, com 21% da área (Quadro 5).

Quadro 5 - Estratificação das propriedades identificadas, número de proprietários e percentagem da superfície total.

Especificação	Nº	Área (ha)	%
01 a 100 ha	20	1.400	5,00
101 a 500 ha	28	6.135	21,00
501 a 1000 ha	6	5.020	18,00
Acima de 1000 ha	8	15.986	56,00
Total	62	28.541	100,00

Quanto à situação da posse da terra, apesar de se constatar a existência de 62 agricultores com propriedades na área, fomos informados por técnicos da Empresa ARACRUZ CELULOSE S.A. de que a mesma adquiriu 120 mil hectares na região, cuja delimitação coincide com a totalidade da área demarcada para o polo açucareiro de Barrolândia (Figura 2), havendo duplicidade de ocupação.

A propósito do aspecto legal da aquisição da área pela ARACRUZ, foi fornecida, pelo Cartório de Registro de Imóveis de Belmonte, a seguinte cadeia sucessória: "Em 9 de novembro de 1898, a Compa-

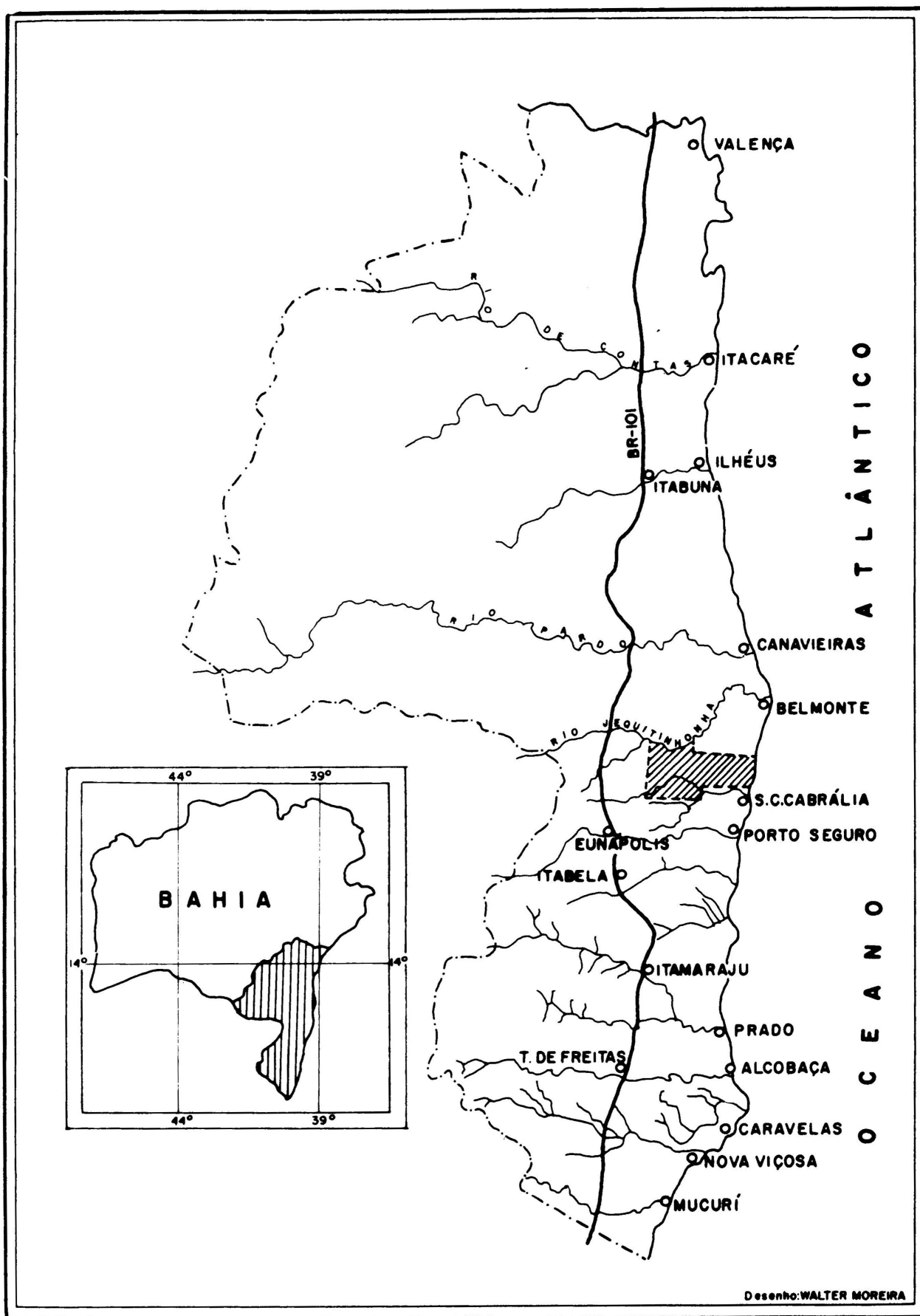


Figura 2 - Localização da área adquirida pela empresa ARACRUZ CELULOSE S.A. - Delimitação aproximada.

nhia Norte-Mineira adquiriu uma área por contrato, sendo expedido pelo Governo do Estado um título de doação em 10 de abril de 1898, vendendo posteriormente ao Sr. José Domingues Mendes, escritura lavrada em 26 de janeiro de 1905. O Sr. José Domingues Mendes vendeu a área à Companhia The Brazilian Hard Wood Corporations, escritura lavrada em 15 de outubro de 1910. Posteriormente, a área foi colocada em hasta pública para pagamento de débitos federais da empresa americana, sendo arrematada pela Indústria Cabrália, que atualmente faz parte do Grupo da ARACRUZ. Essa empresa está comprando as áreas dos agricultores, assumindo assim a posse em efetivo da terra".

Segundo informações dos técnicos da ARACRUZ, ao estudarem a incorporação da Indústria Cabrália e de suas terras, consultaram a Secretaria da Agricultura, sendo informados de que não haveria problemas.

A exposição de tais fatos visa a alertar ao Estado, para orientar o processo de desapropriação, porquanto o mesmo implicará, salvo melhor juízo, em indenizar a ARACRUZ pela sua aquisição e posteriormente adquirir as propriedades que não foram incorporadas pela mesma.

Área 3 – Eunápolis

O levantamento foi efetuado partindo-se do perímetro suburbano da vila de Eunápolis, seguindo-se pela estrada do campo do Alecrim até as margens do rio João de Tiba, ou Santa Cruz, num percurso de 25 km, que corta a área aproximadamente no meio.

Foram identificados 16 proprietários ocupando cerca de 10.481 hectares, representando 41% da área total planimetrada (Quadro 6).

A maior parte da área está com duas empresas no estrato acima de 1.000 ha, as quais representam 43% da superfície amostrada, assinalando-se o maior número de proprietários no estrato de 101 a 500 ha, ocupando 23,60%.

Apesar do número de pequenas propriedades amostradas ser insignificante, as informações obtidas indicam que na parte sul da área planimetrada, paralela à rodovia Eunápolis-Porto Seguro, é maior o número dessas propriedades.

Com referência à situação legal da posse da terra, os pequenos agricultores geralmente são ocupantes primários, enquanto sobre os imóveis com áreas superiores a um módulo, nos indicaram que em quase sua totalidade são tituladas.

Além desse aspecto, existe também o problema de parte apreciável da área pertencer à Companhia ARACRUZ, cuja aquisição se processou em idêntica situação relatada para a área de Barrolândia (Figura 2).

Quadro 6 - Estratificação das propriedades identificadas, número de proprietários e percentagem da superfície total.

Especificação	Nº	Área (ha)	%
01 a 100 ha	1	40	0,40
101 a 500 ha	8	2.480	23,60
501 a 1000 ha	5	3.420	33,00
Acima de 1000 ha	2	4.541	43,00
Total	16	10.481	100,00
Área Planimetrada	-	25.500	-
Área Identificada	-	10.481	41,00

INFRA-ESTRUTURA

Barrolândia e Eunápolis

As áreas selecionadas para instalação dos polos açucareiros compreendem parte dos municípios de Itapebi, Belmonte, Sta. Cruz de Cabralia, Porto Seguro e Itagimirim.

As cidades de Itapebí e Belmonte são as bases de apoio para a área de Barrolândia, por ficarem próximas, cerca de 30 km, podendo também utilizar os serviços de Itagimirim e Sta. Cruz de Cabralia.

A área de Eunápolis tem na vila de Eunápolis a sua principal base de apoio, porquanto começa no perímetro suburbano da mesma, podendo utilizar os serviços de Itagimirim e Porto Seguro.

O conjunto de municípios que ficarão diretamente sob a influência dos polos açucareiros compõe uma população de 106.820 habitantes, sendo a vila de Eunápolis o centro mais populoso, com cerca de 33.000 habitantes, dispondo da melhor estrutura de serviços e um comércio mais forte. Esta vila está em processo de emancipação, devido à sua preponderância econômica. Os quadros 7 e 8 apresentam a população da área e demais informações sobre a infra-estrutura e serviços.

Disponibilidade de Mão-de-Obra

O maior contingente de mão-de-obra ocupada está no vale do rio Jequitinhonha, com o cultivo do cacau. Nas demais áreas constatou-se um grande esvaziamento nos campos, devido à quase total inexistência de agricultura. Verifica-se atualmente uma concentração da

população nas cidades, o que modifica o quadro demográfico apresentado, com base no ano de 1970.

O comércio da vila de Eunápolis e o polo madeireiro de Itabela constituem, atualmente, os locais que oferecem alguma ocupação para os operários, sendo visível em Eunápolis o grande número de

Quadro 7 - População dos municípios que integram as áreas dos polos açucareiros.

Municípios	População Base 1970			
	Sede Município	Total Urbana	Rural	Total
Belmonte	7.072	8.067	13.227	21.294
Itapebi	2.548	3.449	10.389	13.838
Porto Seguro	3.357	3.797	29.697	33.494
Sta. Cruz de Cabrália	652	1.737	25.489	27.226
Itagimirim	3.430	3.430	7.538	10.968
Eunápolis*		(18 a 20.000)		
Total		20.480	86.340	106.820

* Eunápolis - incluso na população de Sta. Cruz de Cabrália e Porto Seguro.

Fonte - CEPLAC - Diagnóstico Sócio-Econômico da Região Cacaueira - Levantamento de campo.

Quadro 8 - Infra-estrutura, serviços e principais produtos agropecuários dos municípios que integram as áreas dos polos açucareiros.

Especificação	Municípios					
	Belmonte	Itapebi	Porto Seguro	Sta. Cruz de Cabrália	Itagimirim	Eunápolis
Indústrias - nº estabelecimentos (1973)	18	9	18	5	12	47
Bancos	1 - Econômico	1 - Econômico	1 - Baneb	Não	Não	1 - Bradesco B. Bras. Ins
Estradas em relação à BR - 101	Terra - 100 km	Terra - 3 km	Asfalto 64 km	Asfalto 86 km	Asfalto 1 km	Asfalto 1
Energia elétrica (74/72)	Coelba	Coelba	Coelba	Em instalação	Coelba	Coelba
Saúde (71/72)	Hospital 1 P. Saúde 1 Maternidade 1	P. Saúde 1 Clínica 1	Hospital 2 P. Higiene 1	P. Saúde 1	P. Saúde 1	Hospital 2 P. Saúde 1
Comércio (1970)	Atacado - 5 Varejo - 176	Varejo - 60	Varejo - 159	Atacado - 5 Varejo - 313	Varejo - 61	
Água (1974)	Em instalação	Sim	Sim	Sim	Em instalação	Sim
Produtos agropecuários.	Cacau, mandioca, coco, piaçava, bovinos.	Cacau, mandioca, bovinos.	Mandioca, cacau, arroz, coco, bovinos.	Coco, mandioca, cacau, piaçava, dende, bovinos.	Mandioca, feijão, arroz, bovinos.	

Fonte: CEPLAC - Diagnóstico Sócio-Econômico da Região - levantamento de campo.

pessoas com subempregos e desocupadas. São freqüentes as reclamações dos agricultores devido à imigração de operários para a região amazônica e Sul do País.

Na faixa costeira, o deslocamento da mão-de-obra é mais acentuado, devido às grandes empresas madeireiras que estão adquirindo aquelas terras para manterem reservas de matéria-prima.

Por esses motivos, existe na área rural escassez de mão-de-obra, porém isso ocorre devido à inexistência de atividades que ofereçam condições de fixação dos operários.

LITERATURA CITADA

1. M.FILHO, N.R. Geologia das Quadriculas de Porto Seguro Nordeste e Mogiquicaba. Boletim Técnico nº 17. Centro de Pesquisas do Cacau. 1972. 19 p.
2. FROTA, P.C.E. Notas sobre o clima da Região Cacaueira da Bahia. Cacau Atualidades. 9(2):17-24. 1972.
3. LEÃO, A.C., e GOUVEA, J.B.S. Fisionomia, estrutura e condições ecológicas da vegetação da Região Cacaueira Baiana. Boletim Técnico nº 22. Centro de Pesquisas do Cacau. 1973. 24 p.
4. _____. Solos do Núcleo Colonial de Porto Seguro. Boletim Técnico nº 25. Centro de Pesquisas do Cacau. 1973. 44 p.
5. SILVA, L.F. da, et al. Solos da Região Cacaueira Baiana. Centro de Pesquisas do Cacau. 1973. 275 p. Inédito.

● ● ●

ANEXOS

ANEXO 1

Unidade: Tabuleiro textura argilosa

Classificação: Haplorthox

Localização: Estação Experimental Gregório Bondar, margem direita da Quadra Experimental, município de Belmonte

Situação: Topo do "tabuleiro"

Relevo: Típico tabular Declividade: 1 - 2%

Altitude: 80 m Drenagem: boa

Material originário: Sedimentos argilo-arenosos do Terciário Recente (Plioceno).

Uso atual: Experimentação: Banana, coco-da-baía, mandioca etc.

- A₁₁ 0- 10 cm; bruno-acinzentado muito escuro (10YR 3/2); areia franca; fraca a moderada, muito pequena a pequena, granular e grãos soltos de areia lavada; solto, solto, não plástico e não pegajoso; transição plana e clara.
- A₁₂ 10- 25 cm; bruno escuro (10YR 3/2); franco arenoso; maciça e grãos soltos; macio, friável, ligeiramente plástico e ligeiramente pegajoso; transição plana e clara.
- A₃ 25- 48 cm; bruno-amarelado escuro (10YR 4/4); franco-argilo-arenoso; blocos subangulares fracos e desfazendo-se em grumos; duro, friável, plástico e pegajoso; transição plana e gradual.
- B₁ 48- 68 cm; bruno-amarelado (10YR 5/6); argila; blocos subangulares; fracos; desfazendo-se em grumos; muito duro, friável, plástico e pegajoso; transição plana e gradual.
- B₂₁ 68-145 cm; bruno forte (8,5YR 5/6); argila; maciça desfazendo-se em grumos e alguns blocos subangulares fracos; muito duro, friável plástico e muito pegajoso; transição plana e clara.
- B₂₂ 145-200 cm; vermelho-amarelado (6 YR 5/6); argila; blocos subangulares fracos desfazendo-se geralmente em terra fina constituída de pequenos grumos; muito duro, friável, plástico e muito pegajoso; transição plana e clara.
- B₃ 200-260 cm+; vermelho (3,5YR 5/6); argila a argila pesada; blocos subangulares fracos desfazendo-se em terra fina

constituída de pequenos grumos; muito duro, friável, plástico e pegajoso.

Observações: Raízes abundantes (Serrapilheira) no A₁₁, comuns até o B₂₂; poucas no B₃, encontrando-se até o pé da trincheira (260 cm) raízes finas.

Perfil poroso e muito duro quando seco; pouca atividade biológica.

Dados físicos e químicos da unidade Tabuleiro text. argilosa.

Amostra nº	Símbolo	Profundidade	Amostra seca ao ar %			pH		Equiv. de umidade.
			Calhaus 20 mm	Cascalho 20-2 mm	Terra fina	Água	KCl N	
1807	A ₁₁	0- 10	-	0	100	4.7		8.23
1808	A ₁₂	10- 25	-	0	100	4.7		15.73
1809	A ₃	25- 48	-	1	99	4.7		20.45
1810	B ₁	48- 68	-	1	99	4.9		23.73
1811	B ₂₁	68-145	-	0	100	5.3		23.55
1812	B ₂₂	145-200	-	1	99	5.3		25.93
1813	B ₂₃	200-260	-	0	100	5.4		27.07

Complexo Sortivo (mEq/100 g)

Ca ⁺⁺	Mg ⁺⁺	K ⁺	Na ⁺	S	Al ⁺⁺⁺	H ⁺	T	V%
0.6	0.6	0.06	0.02	1.28	0.6	3.24	3.84	33.3
0.0	0.5	0.03	0.02	0.55	1.1	2.52	3.62	15.2
0.0	0.5	0.03	0.07	0.60	1.3	2.01	3.31	18.1
0.0	0.7	0.02	0.02	0.74	1.0	1.98	2.98	24.8
0.0	0.7	0.04	0.04	0.78	0.8	1.18	1.98	39.4
0.0	1.1	0.03	0.03	1.16	0.7	1.85	2.55	45.5
0.0	0.9	0.03	0.03	1.06	0.2	1.46	1.66	63.8

Composição Granulométrica
(Dispersão com NaOH 1,5 N)

C%	N%	C/N					Argila natural	Grau de floculação
			Areia grossa	Areia fina	Silte	Argila		
0.71	-	-	71.9	11.4	7.7	9.0	2.0	77
0.57	-	-	47.9	13.9	13.0	25.2	12.1	52
0.38	-	-	34.8	10.4	9.5	45.3	26.2	42
0.29	-	-	30.8	9.0	12.8	47.4	28.2	40
0.23	-	-	27.7	7.9	17.1	47.3	0.0	100
0.29	-	-	26.9	7.1	14.5	51.5	0.0	100
0.09	-	-	27.0	5.6	18.0	49.4	0.0	100

ANEXO 2

Unidade: Tabuleiro textura argilosa

Classificação: Haplorthox

Localização: Trincheira aberta a 300 m, lado direito da estrada
Barrolândia - Itapebi, distando 4 km de Barrolândia.
Município de Itapebi.

Situação: Topo

Litologia e Formação Geológica: Sedimentos argilo-arenosos. Ter-
ciário.

Declividade: Praticamente plano

Altitude: 120 metros

Drenagem: Bem drenado

Erosão: Não constatada

Relevo: Praticamente plano, típico de tabuleiro.

Uso: Mandioca, pastagem de sempre-verde e colônia.

- A₁₁ 0- 14 cm; bruno-acinzentado escuro (10YR 4/2); areia franca; fraca muito pequena a média granular e grãos de areia; solto, não plástico e não pegajoso; transição plana e gradual.
- A₁₂ 14- 30 cm; bruno (10YR 4/3); franco-argilo-arenoso; grãos soltos e indícios de uma granular; solto, ligeiramente plástico e ligeiramente pegajoso; transição plana e clara.
- A₃ 30- 42 cm; bruno (10YR 4/3); franco-argilo-arenoso; fraca muito pequena a pequena blocos subangulares e grumos; friável, plástico e pegajoso; transição plana e gradual.
- B₁ 42- 63 cm; bruno-amarelado (10 YR 5/4); argila arenosa; fraca, muito pequena a pequena blocos subangulares e grumos; firme, plástico e pegajoso; transição plana e gradual.
- B₂₁ 63- 99 cm; amarelo-avermelhado (6YR 6/8); argila arenosa; fraca muito pequena a pequena blocos subangulares e grumos; firme, plástico e pegajoso; transição plana e gradual.
- B₂₂ 99-141 cm; amarelo-avermelhado (5YR 6/8); argila; fraca muito pequena a pequena blocos subangulares e grumos; firme, plástico e pegajoso; transição plana e gradual.

- B₃ 141-183 cm; vermelho (2,5 YR 5/8); argila; fraca muito pequena a pequena blocos subangulares e grumos; friável, plástico e pegajoso; transição plana e gradual.
- C 183-200 cm+; vermelho (10R 5/8); argila; fraca muito pequena a pequena blocos subangulares e grumos; friável, plástico e pegajoso.

Observações: Raízes bastante no A₁₁, A₁₂ e A₃, predominando as de diâmetro de 2 - 3 mm, ocorrendo também algumas raízes grossas de até 2 cm de diâmetro; comuns no B₁ com diâmetro em torno de 2 mm, poucas no B₂₁ com diâmetro de 2 mm e raras daí em diante.

Porosidade: Poros de atividade biológica no A. Poroso no restante do perfil, sendo a menor incidência no B₂₁.

Atividade biológica proveniente de termitas, indo até o B₁, com buracos de 5 cm.

Dados físicos e químicos da unidade Tabuleiro, textura argilosa.

Amostra de lab. nº	Horizonte		Amostra seca ao ar %			pH		Equiv. de umid.
	Símbolo	Profundidade	Calhaus 20 mm	Cascalho 20-2 mm	Terra fina	Água	KCl N	
E - 873	A ₁₁	0- 14	-	-	100	4.8	4.4	7.4
E - 874	A ₁₂	14- 30	-	-	100	4.5	4.3	10.3
E - 875	A ₃	30- 42	-	-	100	4.7	4.4	15.6
E - 876	B ₁	42- 63	-	-	100	5.0	3.1	20.0
E - 877	B ₂₁	63- 99	-	-	100	5.2	3.3	19.1
E - 878	B ₂₂	99-141	-	-	100	5.2	4.5	22.9
E - 879	B ₃	141-183	-	-	100	5.2	4.7	22.1
E - 880	C	183-200+	-	-	100	5.2	4.6	22.6

Complexo Sortivo (mEq/100 g)

Ca ⁺⁺	Mg ⁺⁺	K ⁺	Na ⁺	S	Al ⁺⁺⁺	H	T	V%	mg/100 g
1.7	1.3	0.16	0.07	3.23	0.4	2.49	6.12	53	0.2
0.0	0.4	0.08	0.05	0.53	0.8	2.53	3.86	14	0.2
0.0	0.3	0.04	0.05	0.39	1.0	2.12	3.51	11	0.2
0.0	0.4	0.02	0.05	0.47	1.0	2.13	3.60	13	0.1
0.0	0.5	0.02	0.04	0.56	0.7	1.57	2.83	20	0.1
0.0	0.6	0.02	0.04	0.66	0.6	1.67	2.93	23	0.1
0.2	0.3	0.04	0.06	0.60	0.7	1.58	2.88	21	0.1
0.1	0.4	0.03	0.04	0.57	0.7	1.55	2.82	20	0.1

C%	N%	C/N	Composição Granulométrica (Dispersão com NaOH 1,5 N)				Argila natural	Grau de floculação
			Areia grossa	Areia fina	Silte	Argila		
1.18	0.096	12.3	78.1	6.6	4.0	11.3	5.1	55
0.85	0.077	11.0	66.8	7.0	4.6	21.6	9.1	58
0.73	0.050	14.6	55.5	6.6	5.7	32.2	1.0	97
0.58	0.043	13.5	39.3	6.1	2.8	51.8	1.0	98
0.35	0.040	8.8	44.0	5.3	1.6	49.1	1.4	97
0.29	0.034	8.5	35.9	4.4	2.7	57.0	1.0	98
0.50	0.054	9.3	34.9	3.9	5.0	56.2	1.0	98
0.23	0.021	11.0	35.6	4.0	0.8	59.6	0.6	99

● ● ●

Unidade: Tabuleiro textura argilosa

Classificação: Haplortox

Localização: Estrada Eunápolis-Itagimirim, lado direito da BR-5, distando 1,7 km de Eunápolis.

Situação: Corte de estrada em encosta do vale.

Relevo: Tabuleiro

Litologia e Formação Geológica: Sedimentos argilo-arenosos. Terciário.

Altitude: 180 metros

Declividade: 5 a 10%

Erosão: Laminar ligeira

Drenagem: Bem drenado

Uso: Pastagem

- A₁ 0- 10 cm; cinzento muito escuro (10YR 3/1); franco argilo arenoso; forte muito pequena a média granular; firme, plástico e pegajoso; transição plana e clara; pH 4,5.
- A₃ 10- 25 cm; bruno-amarelado (10YR 5/4); argila cascalhenta; estrutura composta de moderada pequena a média granular e fraca a moderada pequena blocos subangulares; plástico e pegajoso; transição plana e gradual; pH 4,5.
- B₁ 25- 40 cm; bruno-amarelado (10YR 5/6); argila cascalhenta; maciça porosa que se desfaz em pequenos grumos e fraca pequena blocos subangulares; plástico e pegajoso; transição plana e difusa; pH 4,5.
- B₂₁ 40- 96 cm; amarelo (10YR 7/6); argila com silte cascalhenta; maciça porosa pouco coerente que se desfaz em pequenos grumos; friável, plástico e pegajoso; transição plana e difusa; pH 4,5.
- B₂₂ 96-170 cm; amarelo-avermelhado (8,5YR 6/8); argila com silte cascalhenta; maciça porosa pouco coerente que se desfaz em pequenos grumos; firme, plástico e pegajoso; transição plana e difusa; pH 5,0.
- B₂₃ 170-208 cm; amarelo-avermelhado (7,5YR 6/8); argila com silte cascalhenta; maciça porosa pouco coerente que se desfaz em pequenos grumos; firme, plástico e pegajoso; transição plana e difusa; pH 5,0.

- B₃ 208-258 cm; amarelo-avermelhado (6YR 6/8); argila com silte cascalhenta; maciça porosa pouco coerente que se desfaz em pequenos grumos; firme, plástico e pegajoso; transição plana e difusa.
- C₁ 258-328 cm; amarelo-avermelhado (5 YR 6/8); argila a argila pesada cascalhenta; maciça porosa pouco coerente que se desfaz prontamente em pequenos grumos; firme, plástico e pegajoso; transição plana e difusa.
- C₂ 328 cm+; vermelho claro (2,5YR 5/8); argila pesada; maciça porosa pouco coerente que se desfaz em pequenos grumos; firme, plástico e pegajoso.

Observações: Raízes até o B₁, diminuindo gradativamente até o B₂₂, e escassa no B₃ com diâmetro em torno de 2 mm. O perfil poroso, com maior porosidade no B₂₁, de diâmetro em torno de 1 mm. Grande atividade de cupins e minhocas no A₁ e A₃. Presença de carvão no A₁ e A₃.

Dados físicos e químicos da unidade Tabuleiro textura argilosa.

Amostra de lab. n°	Horizonte		Amostra seca ao ar %			pH		Equiv. de umid.
	Símbolo	Profundidade	Calhaus 20 mm	Cascalho 20-2 mm	Terra fina	Água	K C l N	
306	A ₁	0- 10	-	2	-	4,9	4,2	-
307	A ₃	25	-	2	-	4,5	4,1	-
308	B ₁	40	-	3	-	4,6	4,2	-
309	B ₂₁	96	-	3	-	4,8	4,2	-
310	B ₂₂	170	-	3	-	4,9	4,3	-
311	B ₂₃	208	-	4	-	5,0	4,3	-
312	B ₃	258	-	3	-	4,9	4,3	-
313	C ₁	328	-	3	-	5,2	4,4	-
314	C ₂	328+	-	2	-	4,8	4,2	-

Complexo Sortivo (mEq/100 g)									P ₂ O ₅ mg/100 g
Ca ⁺⁺	Mg ⁺⁺	K ⁺	Na ⁺	S	Al ⁺⁺⁺	H ⁺	T	V%	
1,4	0,9	0,08	0,06	2,4	1,0	7,2	10,6	23	2,2
	0,5	0,03	0,04	0,6	1,5	4,1	6,2	10	1,3
	0,4	0,01	0,04	0,5	1,4	2,9	4,8	10	0,5
	0,5	0,01	0,02	0,6	1,2	1,9	3,7	16	0,4
	0,5	0,01	0,06	0,6	0,9	1,3	2,8	21	0,4
	0,5	0,01	0,05	0,6	0,7	1,2	2,5	24	0,3
	0,4	0,01	0,03	0,4	0,7	1,1	2,2	18	0,3
	0,4	0,01	0,09	0,5	0,6	1,2	2,3	22	0,3
	0,4	0,02	0,12	0,5	0,5	1,2	2,2	23	0,4

C%	N%	C/N	Composição granulométrica (Dispersão com NaOH 1,5 N)				Argila natural	Grau de floculação
			Areia grossa	Areia fina	Silte	Argila		
2,70	0,18	15	48	6	9	37,7	20	46,6
1,24	0,08	16	40	8	3	49	28	43
0,78	0,05	16	30	6	5	59	1	98
0,39	0,03	13	32	7	3	58	0	100
0,21	0,03	7	26	8	2	64	0	100
0,19	0,02	-	29	8	1	62	0	100
0,15	0,01	-	29	7	3	61	0	100
0,14	0,01	-	30	8	6	56	0	100
0,14	0,01	-	33	8	5	54	0	100

● ● ●

ANEXO 4

Unidade: Tabuleiro textura média

Localização: Estrada para Sapucaia, lado direito, distando 6 km da BR-101. Município de Eunápolis.

Situação: Topo

Relevo: Tabuleiro

Litologia e Formação geológica: Sedimentos argilo-arenosos. Terciário.

Drenagem: Bem drenado

Uso: Pastagem e mandioca

- A₁₁ 0- 12 cm; bruno-acinzentado escuro (10YR 4/2); areia; grãos simples; solto, não plástico e não pegajoso; transição plana e clara; pH 6,4.
- A₁₂ 12- 37 cm; bruno-acinzentado escuro (10YR 4/2); areia franca; maciça pouco coerente; solto; não plástico e não pegajoso; transição plana e gradual; pH 6,4.
- A₃ 37- 65 cm; bruno escuro (10YR 4/3); franco arenoso; maciça pouco coerente; macio, muito friável; ligeiramente plástico e ligeiramente pegajoso; transição plana e difusa; pH 6,4.
- B₁ 65-158 cm; bruno (10YR 5/3); franco-argilo-arenoso; maciça coerente; macio, muito friável, ligeiramente plástico e ligeiramente pegajoso; transição plana e clara; pH 6,4.
- B₂₁ 158-200 cm+; bruno pálido (10YR 6/3); argila arenosa; maciça, macio, friável, plástico e pegajoso; pH 5,6.

Observações: Raízes comuns no A₁₁ e A₁₂ com diâmetro de 1 a 3 mm. Poucas no A₃, B₁ e B₂₁ de igual diâmetro. Macroporos no A₁₁, A₁₂ e A₃, resultante de atividade biológica proveniente de minhocas, formigas e cupins. Perfil em si poroso.

Dados físicos e químicos da unidade Tabuleiro textura média.

Amostra de lab: nº	Horizonte		Amostra seca ao ar %			pH		Equiv. de umid.
	Símbolo	Profundidade	Calhaus 20 mm	Cascalho 20-2mm	Terra fina	Água	KCl N	
778	A ₁₁	0- 12	-	-	-	5,5	4,9	10,50
779	A ₁₂	12- 37	-	1	-	5,4	4,6	11,08
780	A ₃	37- 65	-	1	-	5,5	4,5	14,06
781	B ₁	65-158	-	-	-	5,3	4,4	10,42
782	B ₂₁	158-200	-	1	-	5,4	4,5	13,85

Complexo Sortivo (mEq/100 g)								
Ca ⁺⁺	Mg ⁺⁺	K ⁺	Na ⁺	S	Al ⁺⁺⁺	H ⁺	T	V%
0,1	1,0	0,09	0,04	1,23	0,3	5,4	6,93	17,75
0,0	0,5	0,06	0,05	0,61	1,0	5,9	7,93	18,12
0,0	0,3	0,07	0,05	0,42	0,7	6,2	7,32	5,74
0,0	0,2	0,02	0,03	0,25	0,8	3,0	4,05	6,17
0,0	0,3	0,02	0,04	0,36	0,9	2,0	3,26	11,04

C%	N%	C/N	Composição granulométrica (Dispersão com NaOH 1,5 N)				Argila natural
			Areia grossa	Areia fina	Silte	Argila	
1,27	0,14	9,07	85,7	4,2	4,1	6,0	0,0
1,56	0,10	15,60	69,8	9,4	7,7	13,1	0,0
1,46	0,10	14,60	61,1	10,2	11,4	17,3	7,1
0,42	0,05	8,50	61,3	8,6	16,0	14,1	6,0
0,30	0,04	7,50	60,0	12,4	8,5	19,1	6,0

● ● ●

ANEXO 5

Unidade: Tabuleiro textura arenosa (podzol)

Classificação: Tropaquod

Localização: Margem esquerda da estrada rib. Sapucaeira-rib.
Santa Cruz - Lote nº 119.

Situação: Topo de elevação

Altitude: 180 metros

Litologia e formação geológica: Quaternário sobre a Série Barreiras.

Relevo: Plano

Erosão: Não constatada

Drenagem: Excessivamente drenado no A e mal drenado no B.

Uso Atual: Pasto e cultivos de mandioca.

A₁ 0- 10 cm; Bruno muito escuro (10YR 2/2, seco), preta (N2/, úmido), areia franca, grãos de areia lavada e fraca muito pequena granular, solto, solto, não plástico e não pegajoso; transição plana; pH 4,4.

A₂₁ 10- 75 cm; Branca (N8/, úmido); areia; grãos de areia lavada; solto, solto, não plástico e não pegajoso; transição ondulada e gradual; pH 4,8.

A₂₂ 75-165 cm; Cinza-brunado claro (10YR 6/2, úmido); areia; grãos de areia simples, solto, solto, não plástico e não pegajoso; transição plana e clara; pH 4,8.

B_{hir} 165-195 cm+; Bruno escuro a bruno (10YR 4/3, úmido); franco argilo-arenoso; extremamente duro, não plástico e não pegajoso; pH 4,4.

Observações: Raízes abundantes no A₁ e A₂₁, com diâmetro de 1mm a 2 cm. Raras no A₂₂ e B_{hir}. Lençol freático no topo do B_{hir}. Amostra de fertilidade nº 6.

Unidade: Tabuleiro textura arenosa (podzol) Classificação: Tropaquod

Amostra de lab. n°	Horizonte		Amostra seca ao ar %			pH		Equiv. de umid.
	Símbolo	Profundidade	Calhaus 20 mm	Cascalho 20-2 mm	Terra fina	Água	KCl N	
1.537	A ₁	0- 10	-	0	100	6,2	6,0	8,81
1.538	A ₂₁	10- 75	-	0	100	6,7	5,3	3,64
1.539	A ₂₂	75-165	-	1	99	6,4	5,0	3,61
1.540	B _{hir}	165-195	-	3	97	5,0	3,8	17,82

Complexo Sortivo (mEq/100 g)

Ca ⁺⁺	Mg ⁺⁺	K ⁺	Na ⁺	S	Al ⁺⁺⁺	H ⁺	T	V%	P-ass. ppm
9,6	1,2	0,06	0,04	10,90	0,0	0,23	11,13	97,9	
0,0	0,6	0,02	0,01	0,63	0,1	0,06	0,79	79,7	
0,1	0,7	0,02	0,01	0,83	0,1	0,39	1,32	62,9	
0,4	0,7	0,04	0,03	1,17	3,9	18,71	23,78	4,9	

C%	N%	C/N	Composição Granulométrica (Dispersão com NaOH 1,5 N)				Argila natural	Grau de floculação
			Areia grossa	Areia fina	Silte	Argila		
2,86	0,16	16,9	81,0	6,3	8,7	4,0	0,0	100
0,11	0,01	8,4	82,4	13,5	0,1	4,0	0,0	100
0,10	0,02	3,9	80,2	18,6	0,2	1,0	0,0	100
2,68	0,09	29,8	51,8	16,0	6,2	26,0	0,0	100

● ● ●

INFORMAÇÕES BÁSICAS PARA IMPLANTAÇÃO DA INFRA-ESTRUTURA

Construção da estrada principal, pista de rolamento encascalhada:

- Com equipamento da CEPLAC: Cr\$ 50.000,00 p/km
- Por empreitada: Cr\$ 100.000,00 p/km

Construção de estradas secundárias, pista de rolamento sem cascalho:

- Com equipamento da CEPLAC: Cr\$ 20.000,00 p/km
- Por empreitada: Cr\$ 50.000,00 p/km

Bueiros e Pontes

- Bueiros de 0,60 m a 1,00 m, incluindo mão-de-obra e material: Cr\$ 2.000,00 p/metro linear.
- Pontes com leito de concreto armado – Cr\$ 8.000,00 p/metro linear.

Diversos

- Galpão fechado para indústria, Cr\$ 400,00 p/m²
- Residência, Cr\$ 1.200,00 p/m²
- Barragem de alvenaria de pedra, dependendo das escavações, Cr\$ 300,00 p/m³.
- Escavação manual, Cr\$ 20,00 p/m³.
- Rede elétrica de alta, em terrenos planos: de Cr\$ 25.000,00 a Cr\$ 30.000,00 p/km.
- Cercas com 3 fios de arame farpado, estacas 1,00 m x 1,00 m:
 - Com madeira do imóvel Cr\$ 4,00 p/m
 - Com madeira comprada Cr\$ 7,50 p/m
- Transporte de carga, Cr\$ 3,00 p/km.

Mão-de-obra

Operário rural – salário mínimo, Cr\$ 324,70 mensais, entretanto nos trabalhos de campo predomina a diária de Cr\$ 15,00 sem repouso remunerado.

Pedreiro – diária de Cr\$ 29,60, cidade; no interior varia de Cr\$ 28,50 a Cr\$ 36,80. Auxiliar, até Cr\$ 12,00.

